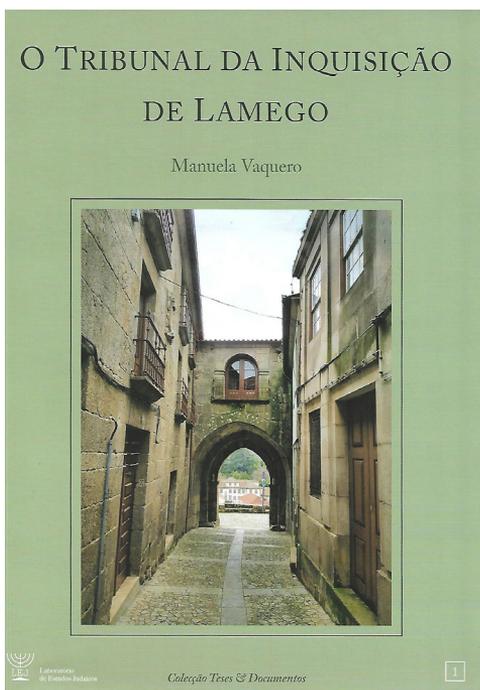


Manuela Vaquero: O Tribunal da Inquisição de Lamego. Lisboa: Academia de Letras e Artes, 2019.

Fernando Alberto Torres Moreira (UTAD /CECS)



Finalmente, e pode dizer-se também felizmente, é publicado um estudo sobre um tema incómodo e ainda mal resolvido, por omissão clara ou inadequadamente abordado, da história da Inquisição em Portugal e, mais concretamente, da existência circunstancial do tribunal do Santo Ofício em Lamego. Ao apresentar a sua investigação que tem como suporte básico o *Livro de Denúncias* da Inquisição de Lamego para a sua tese (talvez se devesse dizer as suas teses), Manuela Vaquero vem dar uma demão final e conclusiva sobre apreciações e ditos avulsos e pouco consistentes até agora publicados por investigadores que se interessaram (?) sobre a temática em questão.

Considerando ainda a edição que também faz do *Livro de Denúncias* da Inquisição de Lamego, um trabalho sempre digno de registo pela dificuldade de decifração das várias tipologias caligráficas que o passar do tempo em nada facilita, a autora vem colocar à disposição da comunidade académica e demais interessados um documento que se reveste de importância primordial para o estudo da Inquisição em Portugal nos inícios da sua instalação formal e, em particular, na região de Lamego. Note-se que a edição de tal documentação é sempre de saudar, mais a mais porque é a primeira vez que tal acontece... vá-se lá saber porquê!

Afinal, por que razão um documento de tal importância para os estudos sobre a Inquisição em Portugal e para a sociedade lamecense de Quinhentos em particular nunca foi até agora estudado? Porquê essa rejeição? Por que motivo até agora se negava a existência de um Tribunal da Inquisição na

cidade de Lamego? De algum modo Manuela Vaquero procurou responder a estas e outras questões usando uma aturada perspicácia inquisitiva que expõe a realidade social e cultural lamecense, os jogos culturais, políticos e religiosos que lhe presidem como pano de fundo, e prospetivando os resultados do período de funcionamento desse organismo da Igreja Católica na região.

É a comunidade judaica de Lamego e suas relações com a “gente de nação” que aqui se expõe aos leitores; é um trabalho de exumação do esquecimento de um período de vigência da Inquisição em Lamego cuja existência tem sido ignorada e, até, não reconhecida! Ficam aqui as dúvidas esclarecidas com documentação e argumentos consequentes.

A investigação de Manuela Vaquero conduz o leitor desde as peripécias e antecedentes da criação do tribunal, dos célebres motins de Lamego em 1532, referenciados por Alexandre Herculano no seu texto *Teatros de Escândalos*, à figura central em toda esta questão que foi o bispo de Lamego por 27 anos e arcebispo de Lisboa, D. Fernando de Menezes Coutinho e Vasconcelos, primo do rei D. João III, seu capelão-mor e conselheiro; de igual modo, a autora dá conta da *Descrição do Terreno ao redor de Lamego duas léguas [1531-1532]*, em que Rui Fernandes expõe os negócios e o quotidiano dos lamecenses, o seu modo de vida, de pensar, à descrição e análise documental do *Livro de Denúncias* da Inquisição de Lamego e posterior apreciação dos processos entretanto constituídos a cidadãos lamecenses, agora sob a alçada da Inquisição de Lisboa, tribunal para onde transitaram após instrução inicial.

Porquê instalar um tribunal da Inquisição em Lamego? A investigadora não foge à questão (aliás, “a questão”) concluindo que tal será sido uma forma de castigar, de submeter o incómodo D. Miguel da Silva e a sua diocese de Viseu à jurisdição lamecense, uma ação congeminada pelo rei, D. Fernando de Menezes e pelo irmão do soberano, o Cardeal D. Henrique; esta é uma conclusão que o histórico das relações entre estas personalidades da vida política e religiosa de então torna de plausibilidade elevada: política e religião estavam de braço dado, como aqui se prova (ainda por cima com relações familiares à mistura), num compromisso que o rei piedoso, como é sabido, elevou ainda mais.

Manuela Vaquero faz uma análise atenta, séria e exaustiva das denúncias e consequentes processos levantados a cristãos-novos lamecenses, apreciando e catalogando as diferentes tipologias das delações feitas e respetivos crimes de que eram acusados os réus, quais as ligações entre os acusados – familiares, profissionais –, qual a sua área de residência e papel social; enfim, a investigadora estabelece um mapeamento que permite constatar o grau de

convivência entre a comunidade judaica e a restante população, o porquê das tensões sociais, entretanto mais graves, numa cidade com um historial longo de convívio razoavelmente pacífico, de amizades mútuas, de casamentos mistos entre cristãos e judeus.

As suas conclusões permitiram-lhe a aferição do contributo negativo que a Inquisição viria a trazer para as terras de Lamego pois, além dos ódios que se incrementaram, gerou-se e instalou-se uma cultura de inveja, delação, intolerância e perseguição que destruiu amizades, convívios e até mesmo agrupamentos familiares.

Note-se que o tema Inquisição de/em Lamego era quase tabu para a história lamecense e, por isso, só em surdina abordado; historiadores locais de nomeada negam mesmo a sua existência – a digestão de práticas menos edificantes de uma sociedade custa a digerir... Ora, Manuela Vaquero vem pôr fim a essa polémica e a essa má consciência cega com o seu estudo e documentação aduzida que expõe, de forma clara e conclusiva, as incidências e motivos da criação e existência – efémera e circunstancial, repetimos – do Tribunal do Santo Ofício em Lamego, quais os responsáveis por essa existência, quem foram aqueles que, por um período de sete anos, aí lideraram o combate à hereesia. Está de parabéns o Laboratório de Estudos Judaicos do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa por iniciar a sua nova coleção de “Teses & Documentos” com este texto de Manuela Vaquero.

Hilmar Klute publicou no *Courrier International*, em abril de 2018, um texto intitulado “Os caminhos da intolerância” em que aborda a questão de um antissemitismo crescente em França motivado pela inveja, por questões religiosas, ódios, negação do direito à diferença e concluiu: “Os judeus de França são hoje em dia confrontados com uma hostilidade cada vez mais flagrante [...] Em França, os judeus têm agora de viver com medo”; passados que são cinco séculos sobre a matéria de facto estudada, para além do seu interesse académico, cultural e histórico, que é muito, a publicação do texto de Manuela Vaquero revela-se oportuna e de temática atual, como se comprova. Em tempos difíceis para a compreensão da utilidade das Ciências Humanas, e sobretudo de estudos de outras épocas, talvez seja de bom tom pensar-se que a história do ser humano é um *continuum* de interrogações sobre a sua própria existência cujas respostas estarão sempre longe de ser definitivas... por isso se convoca a memória, as memórias que são a essência do que o ser humano é; por essa razão, uma reflexão sobre a Inquisição portuguesa no século XVI, em Lamego, deve levar a pensar na sua utilidade perene. A história não se repete, mas às vezes anda lá perto...